

PSICOSES: REPETIÇÃO SEM DIFERENÇA?¹

Sonia Coelho²

Neste meu caminho de estudos sobre As Psicoses, desafio maior da clínica psicanalítica, no meu modo de ver, pretende interrogar a partir do tema deste Simpósio: é possível pensar em alguma forma de Repetição com Diferença nas Psicoses? Sabemos que no nosso trabalho com essa estrutura, só se pode ter como objetivos a melhora da qualidade de vida de nossos analisantes pelos caminhos do despertar de um interesse qualquer de uma "brisa" de desejo.

Minha primeira questão é, se esse semblante de desejo que poderá surgir, marcaria uma forma de Diferença na traumática Repetição dos delírios. Destaquei a definição do Real, entre tantas outras, a que diz: " O Real é o que não cessa de não se escrever." Minha dúvida estaria aí, no sentido de que se esse não cessa marcando um movimento no mesmo lugar, quando se tenta fazer surgir nas Psicoses um interesse qualquer, não marcaria um semblante pelo menos de Diferença.

Reli Freud quando tentou entender pelo modelo dos sonhos, as doenças mentais e questionou em Além do Princípio do Prazer a repetição nos sonhos traumáticos, e o que de particular trazia esse repetir impondo-se ao paciente, mesmo nos sonhos. Freud conclui então que a função do sonhar nessa condição está perturbada e afastada de seus propósitos...Trata-se de uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer... contudo, é de notar que apenas em raros casos podemos observar os motivos puros da compulsão à repetição, desapoitados por outros motivos.

Freud considera esse ponto da repetição o menos dúbio, o que resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição. Esses sonhos não podem ser classificados como realizações de desejos...Não lhes seria possível desempenhar essa função até que a totalidade da vida mental houvesse aceitado a

¹ Trabalho apresentado no Simpósio da Interseccção Psicanalítica do Brasil, realizado em São Paulo, de 26 a 28 de novembro de 1999.

² Psicanalista, membro de Interseccção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: sc.recife@hotmail.com.

dominância do princípio do prazer... mas aqui foi rompida a regra geral. A partir dessas considerações teóricas, concluo que é possível falar de Repetição nas Psicoses, mas de Diferença, o que pensar? Lacan no Sem. 3 faz referência à uma repetição sem diferença, que denominou ritornelo, anotei: há a forma que a significação toma quando não remete mais a nada. É a fórmula que se repete, que se reitera, que se repisa, com uma insistência estereotipada. É o que podemos chamar em oposição com a palavra, o ritornelo.

Agora registrarei as palavras de Benjamin Domb, com quem mantive uma interlocução a respeito das minhas dúvidas nesse assunto, e escrevo o que recebi: "quando Lacan define o Real como aquilo que não cessa de não se escrever, isto é tanto para as psicoses como para as neuroses. O não cessa de não se escrever nas neuroses se anoda, com o necessário, que não cessa de se escrever, também com o contingente e o possível.

Na Psicose não há sintoma como na neurose, e o que tentamos fazer é, um pouco de tela, de estofado do enfermo, um *sinthome*, que permita estabilizar a estrutura, e estabilizar quer dizer, que a Repetição nas Psicoses será de todos os modos sem Diferença, no sentido de que, não será possível escrever esse Real com a "artezania".

Estabilizar a estrutura é encontrar um modo de gozar com um objeto que ponha limite ao gozo psicótico, gozo donde o psicótico é objeto de um gozo do Outro, de deus." Vou tentar agora definir esses 3 conceitos: o necessário, o possível e o contingente.(Lacan Sem. 20, cap. XI; Isidoro Vegh em Matices Del Psicoanálisis) O necessário: é o não cessa de se escrever, o não para de não se escrever, em contraposição, ao impossível, que não pode em nenhum caso se escrever. Pode ser ilustrado com o pai da horda, o ao menos um, para quem a função fálica não funciona. O necessário contrapõe-se ao impossível, que não pode em nenhum caso se escrever. O possível... cessa de se escrever, é o que contradiz o necessário. É o filho, o que sustenta a mulher como a mãe e sua relação ao *fallus* e á proibição do incesto, e que tem a consequência sobre ela de ser "não toda". É o sintoma.

Contingente é o cessa de não se escrever, o *fallus*. Outra pergunta: se o *fallus* cessa de não se escrever, é possível ir mais além da estrutura? ? Ainda tentando clarear esses conceitos, leio Sem. 20, pg. 126: A análise presume, do desejo, que ele se inscreve por uma contingência corporal. Só como contingente é que, pela psicanálise, o Falo, reservado nos tempos antigos aos mistérios, parou de não se escrever.

Lacan entre os matemas do possível e do contingente inclui falta, desejo e objeto a, e situa entre o contingente e o possível a dimensão do indizível (Sem. 20). Esses complicados conceitos que me senti na obrigação de definir, não respondem para mim, neste momento, a questão de como se aplicam na clínica, único caminho para as limitações do meu entender a psicanálise lacaniana, mas espero encontrar entre os colegas que estudaram melhor esse assunto as luzes que busco nessa escuridão das Psicoses e seus complicados caminhos.

Bem, depois dessas premissas, nada se pode pensar, pelo menos até agora, de Diferença na estrutura das Psicoses que tenha alguma consistência teórica. Mas, ainda continuei a tentar clarear o assunto. Retomei as questões com a Repetição no Seminário Le Sinthome, com o nó de trevo onde também não ficou claro se tal nó, o *triskel*, seria um modo de representar um anodamento diferente, o das Psicoses sem a amarração com o Nome-do-Pai, isto é, ou se aquele modelo diferente de nó também poderia servir para falar das neuroses. Revejo tais leituras, e novamente a Diferença no sentido que interrogo não está ali. Leio no seminário R.S.I.(15/04/1975) as primeiras referências de Lacan a este modelo: o triskel não é um nó...

Fazendo buraco ou não, a consistência é a base, a saber, o triskel, é o triskel não é um nó. Ele só se inscreve com a consistência. Freud chamou a isso o traço unário. Não se podia dizer melhor o que compõe o nó, não sem ter na cabeça não haver amor senão aquele que, do Nome-do-Pai, faz anel entre os três, faz anel dos três do triskel. Esse termo triskel talvez diga alguma coisa para alguns de vocês... o que vocês veem?... Três fuzis ensarilhados, que se suportam uns aos outros: ...e é daí que o nome foi tirado, os bretões o tomaram como armas, as armas da Bretanha moderna. Isso nos tira da cruz, pelo menos isso. Mas pode-se dizer que a cruz de Lorena, se a desenharmos de boa maneira também faz triskel". Pergunto: como é esse desenho de boa maneira?".

No dicionário de psicanálise de Claude Dorgeuille, há uma definição do referido nó como tendo sido citado por Lacan no R.S.I., mas que não consegui localizar no exemplar daquele Seminário na versão que tenho, mas anotei: "eis aí o meu triskel, do qual todo nó borromeu é o coração, o centro do nó, e onde está o que lhes situei como sendo o lugar do objeto a.

Como se pode observar, a presença do objeto a, define a estrutura neurótica, e até aqui, minhas esperanças de encontrar nas Psicoses uma Repetição com Diferença, estão no nível de um remar na areia, parafraseando Lacan. Talvez tivesse havido de minha parte uma maneira confusa de pensar essa Diferença na Repetição, quando entendi que fosse possível, mesmo de forma precária e provisória, que o surgimento de um ofício qualquer, de qualquer viés artístico, "as artesanias", na análise com psicóticos, saída possível para uma suplência à metáfora paterna ausente, pudesse ser lida como uma Diferença Diferente. Entretanto, devemos concluir que nas Psicoses, há Repetição, mas sem Diferença.

Será que a nível de I.P.B todo o nosso cuidado deverá recair sobre a necessidade permanente de manter a Diferença na Repetição do modelo Institucional nascente, tentando prevenir delírios futuros? Será isso possível, ou termino esse texto delirando?